

As Redes Vivas na organização de Associação de Catadores de Resíduos Sólidos, Manaus, Amazonas

The Live Networks in the organization of the Association of Solid Waste Pickers, Manaus, Amazonas

Denise Rodrigues Amorim de Araújo

Mestre em Saúde Pública, Especialista em Processos Educacionais na Saúde, Diretora do Departamento de Comunicação da Secretaria Municipal de Saúde de Manaus.

Julio Cesar Schweickardt

Doutor em História das Ciências, Pesquisador do Instituto Leônidas e Maria Deane - Fiocruz Amazonas, chefe do Laboratório de História, Políticas Públicas e Saúde na Amazônia - LAHPSA. Linhas de Pesquisa: Políticas Públicas, Atenção Básica em Saúde, Território e Saúde. Coordenador Nacional da Associação Brasileira Rede Unida (2016-2018).
E-mail: julio.ilm@gmail.com

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar as redes sociopolíticas e conexões produzidas pelos catadores e catadoras de resíduos sólidos organizados em um empreendimento de Economia Solidária e compartilhar os aprendizados da vivência cartográfica exercitada com este grupo social na produção da pesquisa a partir dos olhares da Saúde Coletiva. Para isso, acompanhamos as trajetórias destes sujeitos no território, suas tensões, lutas, conquistas e desafios nas produções de trabalho e de vida. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa. O método de investigação utilizado foi a Cartografia que permitiu um mergulho na realidade concreta da catação de resíduos sólidos urbanos e possibilitou a visão do território e a construção das redes a partir dos sujeitos de pesquisa. Este estudo contribuiu para dar visibilidade e empoderamento social e político destes trabalhadores, além de fortalecer a organização política e o protagonismo dos catadores enquanto movimento social. Por fim, entendemos que a pesquisa explicita as redes vivas na perspectiva da inclusão socioprodutiva e da participação social nas políticas públicas.

Palavras-chave: Catadores; Redes Sociais; Territorialidade; Saúde Coletiva; Amazônia.

Abstract

The purpose of this article is to analyze the sociopolitical networks and connections produced by solid waste collectors organized in a Solidarity Economy enterprise and to share the learning of

this cartographic experience practiced with this social group through Collective Health view. Therefore, we follow the trajectories of these subjects in the territory, their tensions, struggles, achievements and challenges in their work and life productions. It is a Qualitative Research. The research method used was the Cartography that allowed a dive into the concrete reality of the urban solid waste collection and enabled the vision of their territory and the network construction from the research subjects. This study collaborated to

give visibility and social and political empowerment of these workers, besides strengthening the political organization and the collectors protagonism as a social movement. After all, we understand the research evidences the living network from the perspective of socio productive inclusion and from the social participation in public policies.

Keywords: Solid Waste Segregators; Social Networking; Territoriality; Public Health; Amazônia.

“Nos atando” nesta Rede Viva

Iniciamos este texto com esta expressão regional utilizada no Norte do país. O “atar redes” faz parte do cotidiano de vida das populações no Amazonas. Fazemos uso deste lirismo, com a devida licença poética, para justificar a expressão “nos atarmos” utilizada no subtítulo. Desta vez, não nos referimos às redes de descanso, as tradicionais de fio, tecidas em algodão ou materiais sintéticos, ou as trançadas em cipó ou fibras naturais. *Atamo-nos* nas Redes Vivas dos catadores e catadoras de resíduos sólidos da Associação de Catadores Nova Recicla, localizada no bairro da Cidade de Deus, Zona Leste da Cidade de Manaus, organizados em torno do Movimento Nacional dos Catadores de Resíduos Sólidos (MNCR).¹

A pesquisa com o grupo social dos catadores e catadoras e suas redes vivas no trabalho trouxe a possibilidade de acompanhar os catadores e as catadoras na lida diária, na luta pela sobrevivência e reconhecimento social, na iniciativa de se fortalecerem a partir da organização política. Os encontros com estes

sujeitos de pesquisa nos *ataram* à rede de agenciamentos da catadora Maria, liderança no Galpão da Associação, que nos despertou para a força e o engajamento das mulheres catadoras que, historicamente, lutam pela inclusão sócio produtiva no mercado de trabalho.

Quando se fala em catadores (as) de resíduos sólidos, somos quase que imediatamente remetidos às ideias de lixo, reciclagem, programas de coleta seletiva, saneamento, meio ambiente, riscos biológicos, doenças, vulnerabilidade, condições de trabalho e perigos à saúde do trabalhador. A etapa de revisão da literatura nos revelou que muitos estudos foram e vem sendo realizados nestas perspectivas, com importantes contribuições para a saúde do trabalhador e do meio ambiente.

No entanto, investigamos uma vertente pouco explorada, propulsora de novos olhares e análises sobre estes sujeitos, na área da Saúde Coletiva. Neste caminho, o objeto de investigação deste trabalho foram as redes vivas

no trabalho dos catadores e catadoras de resíduos sólidos da Associação de Catadores. Interessam-nos identificar as redes sociais e políticas, agenciamentos e conexões construídas pelos(as) catadores(as), deslocando o olhar que está “naturalmente” voltado para os riscos, à vulnerabilidade e às doenças decorrentes da sua condição social. Interessou-nos olhar para a produção das redes de vida e de significado, para as conexões existenciais dos sujeitos e os coletivos. Assim, o elemento propulsor deste trabalho foi compartilhar do cotidiano destes sujeitos interessados no trabalho vivo e em ato, identificando quais são e como estas redes são construídas, tendo o coletivo de catadores como colaboradores na pesquisa, deixando que as suas falas - existencial e política - emergissem no contexto dialógico.

As Redes Vivas dos catadores(as) revelam articulações com pessoas, grupos e instituições com objetivo de luta pela sobrevivência e, com elas surgem trajetórias e histórias de vida, tensões, conflitos, esperanças e possibilidades, construídas nas ruas, em espaços de vida e trabalho. Falamos de Redes Vivas, compreendendo que todos nós somos um elo de uma complexa rede de relações, uma rede que é viva e plural: redes familiares, de amigos, de trabalho, de vizinhos, da igreja, da saúde, do movimento do qual participamos. E é nesta rede viva e nestes territórios existenciais que a vida acontece.

O território é pleno de sentido e significado, tendo o corpo e os sentidos como mediador e

ator. “O território vai sendo explorado por olhares, escutas, pela sensibilidade aos odores, gostos e ritmos.”^{2:60} Assim, fomos ao campo, participar e conhecer as dinâmicas e processos de trabalho dos(as) catadores(as) com a atenção aberta e flutuante, permitindo a vibração do corpo em todas as frequências possíveis, sensível ao plano dos vínculos e dos afetos. Neste movimento foi fundamental para a pesquisadora sair do lugar da saúde para pensar a partir de outro lugar, o do grupo social, desterritorializando-se. Esta mudança de lugar e exercício de empatia também revela-se exercício necessário para as equipes de saúde, porque permite sensibilizar o olhar para grupos invisibilizados, identificar e atuar sobre suas vulnerabilidades e perceber a potência da produção de redes nos processos de trabalho. A abordagem metodológica adotada foi a da cartografia que parte do princípio do território visto pelo sujeito e, por este motivo, carrega a possibilidade de ampliar a visibilidade sobre as produções de vida. O marco teórico-conceitual deste estudo está voltado para os conceitos de redes vivas, território, identidade e micropolítica do trabalho.

Cartografia: no trançado das redes de re-existência

A pesquisa foi realizada com dez trabalhadores(as) da Associação de Catadores de Materiais Recicláveis Nova Recicla, que, de maneira compartilhada, nos ajudaram a realizar este estudo. Os desafios da pesquisa se iniciaram a partir da tentativa de aproximação com esses

trabalhadores(as), dificuldade claramente identificada no início do percurso do trabalho no campo. Ao apresentarmos o projeto de pesquisa no Comitê Regional Amazonas (CRO) para o coletivo de lideranças das associações e cooperativas ligadas ao movimento dos catadores, o grupo mostrou-se bastante desconfiado e com o receio de sentirem-se usados enquanto sujeitos da pesquisa: *Os pesquisadores vêm aqui, pesquisam a gente e depois nunca mais voltam. Nem para dar muito obrigado* (registro de uma liderança de uma das associações presentes no grupo). Ao esclarecer sobre o método da pesquisa, da implicação do grupo de pesquisa com os catadores e catadoras, a Associação Nova Recicla de Resíduos Sólidos aceitou colaborar abrindo suas portas, ou melhor, seu galpão, para o estudo.

Aproximamo-nos do campo de pesquisa com o estranhamento de quem descortina um mundo novo, com pistas identificadas na revisão bibliográfica sobre a temática. O desafio estava posto: compartilhar de alguns territórios existenciais que exigia o acompanhamento dos processos de trabalho e vida, construir vínculos, encontrar brechas, lançando-nos na experiência e deixando-nos envolver por ela, dentro da dinâmica e do tempo que era o “deles”. Trabalhamos as informações de acordo com o tempo desses(as) trabalhadores(as) que não era o mesmo tempo da pesquisadora. Eis aqui o primeiro aprendizado desta pesquisa.

Para os objetivos iniciais desse estudo precisávamos de uma caixa de ferramentas

conceituais que nos permitisse abrir diálogo no cotidiano dos sujeitos da pesquisa, possibilitando acompanhar o movimento nômade dos catadores e catadoras exigido pelo próprio exercício do trabalho nas ruas e no território. E como acompanhar processos do que é movente pela própria natureza? Que instrumental utilizar para a construção de vínculos, a aproximação ética, parceira e implicada com o coletivo? Que abordagem metodológica possibilitaria a visão do território a partir dos próprios(as) catadores(as) de modo a ampliar a observação das produções de suas redes e conexões, vida e trabalho? Abertos ao encontro e as implicações no movimento, utilizamos a Cartografia.

Ao contrário do que está posto na maioria dos manuais de metodologia, em que é pressuposto ter definido o que se pretende buscar, na Cartografia “a orientação do trabalho do pesquisador não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos.”^{3:27} Assim, experimentamos, do ponto de vista metodológico, a reversão do método tradicional de fazer pesquisa, não mais caminhar para alcançar metas prefixadas, mas no caminhar, no percurso, traçar as metas a partir do plano da experiência. Desse modo, selecionamos algumas técnicas de registro e análise antes de ir a campo, mas foi na fase dos encontros produzidos entre os sujeitos (pesquisadora e pesquisados) que pudemos, na dinâmica das atividades, compreender as melhores ferramentas para a pesquisa. Essa

decisão foi acertada diante da premência pelo tempo de produção por parte dos(as) catadores(as). Desta forma, trabalhamos com a observação participante, roda de conversa, entrevistas com roteiro semiestruturado, acompanhamento do percurso de um catador e anotações em diário de campo.

Ao formular a cartografia, os filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari⁴ transpuseram o conceito da geografia para os campos da filosofia, política e subjetividade como um modo de mapear a realidade, subjetividades e acompanhar processos. A cartografia permite o acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas.³

Esta proposta de estudo, compartilhado e participativo, se diferencia dos tradicionais modos de fazer pesquisa no campo das ciências humanas baseados no falar “de”, ou “sobre”. No “saber com” se aprende com os eventos na medida em que os acompanha e reconhece neles suas singularidades⁵ também explicam que a implicação do cartógrafo deve posicioná-lo sempre ao lado da experiência, evitando os perigos da posição, bastante comum nas pesquisas tradicionais, do falar sobre. O objetivo do observador é descrever um território e seus movimentos, seja ele conhecido ou desconhecido. De certo modo, construímos o território em observação.

O geógrafo Hasbaert⁶ explica que a noção de território vem sendo apropriada por várias

áreas de conhecimento ao longo da segunda metade do século XX, não se restringindo a um conceito da geografia, mas transitando pela economia, ciências sociais, antropologia, sociologia e psicologia. Assim, o conceito de território é polissêmico, sendo interpretado na maior parte das vezes como sinônimo de espaço físico e, de fato, a vida acontece num determinado espaço geográfico. No entanto, o território tem tanto uma conotação física quanto simbólica. Utilizaremos neste estudo, a noção de território como sendo lugar existencial e vivo. Portanto, a noção de território de que tratamos agora valoriza os modos como os grupos sociais organizam e modelam o seu espaço, dando significado às suas práticas sociais e aos símbolos compartilhados pela coletividade.⁷ Ao trabalharmos com este conceito de território precisamos esclarecer a noção de territorialidade que está relacionada ao modo como as pessoas se apropriam, organizam, dão significado ao espaço em que vivem e incorpora as dimensões políticas, econômicas e culturais.

Rolnik⁸ propõe que os territórios existenciais são o que existe dentro de cada um, sua forma de significar e interagir com o mundo. Portanto, estamos falando de territórios subjetivos, sociais, culturais, afetivos, políticos, estéticos, éticos e passíveis de outras dimensões. É nos seus territórios que estes sujeitos constroem a sua existência por meio de caminhos e malhas de uma rede que está relacionada com as conexões dos indivíduos e coletivos, em uma rede de encontros. Assim, realizamos uma

cartografia no interior do processo de trabalho dos catadores e catadoras atentos aos modos de produção de vida deste pequeno grupo social organizado, em busca de suas redes rizomáticas, de seus modos próprios de tecê-las, nos surpreendendo e aos próprios sujeitos da pesquisa com a capilaridade desta rede viva, de apoio, de pessoas e instituições.

Nos aprendizados do agir cartográfico compreendemos que a pesquisa ganha forma em percurso através dos encontros que se produzem e se transformam em espaços intercessores, lugar de diálogos e escutas, de intensidades e afetações, de cruzamento devidas e subjetividades. Em nosso encontro, pesquisadora e sujeitos da pesquisa foram afetados no movimento do encontrar-se. E, neste bom encontro, a produção do conhecimento se fez em processo e em ato.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), visto se tratar de trabalho com seres humanos, segundo a Resolução CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012 e obteve parecer consubstanciado do CEP número CAAE 63097716.1.0000.5016.

A Associação de Resíduos Sólidos Nova Recicla

A Associação de Catadores de Materiais Recicláveis Nova Recicla está localizada na Cidade de Deus, no município de Manaus, no Estado do Amazonas. Iniciou suas atividades no ano de 2014 com 19 associados e tem como

objetivo promover a organização dos catadores de materiais recicláveis por meio de colaboração recíproca, do exercício profissional solidário, em regime de autogestão democrática, com a finalidade de melhorar as condições socioeconômicas e de trabalho dos associados para o desenvolvimento e consolidação da cadeia produtiva da reciclagem popular.

A Nova Recicla surge na luta de Maria, catadora de papelões, e de sua família que, a partir da utilização do espaço da própria casa, da percepção da exploração do trabalho pelos atravessadores e do despertar para a força da organização política, iniciou a tessitura de uma rede de apoio e encontros que resultou na formalização do empreendimento solidário e na aquisição gradativa de equipamentos e condições para o trabalho. Reúne catadores e catadoras que coletam resíduos diariamente nas ruas, no comércio varejista, residências e instituições construindo redes sociais e colaborativas.

A Nova Recicla faz parte dos dez empreendimentos de Economia Solidária que compõem o Comitê Regional Amazonas (CRA), representação regional do Movimento Nacional dos Catadores de Resíduos Sólidos (MNCR), criado em 2001, com o objetivo de promover a organização social e produtiva dos catadores e catadoras, valorizar o trabalho e garantir o protagonismo popular, orientados pelos princípios que norteiam a luta dos catadores e catadoras (autogestão, ação direta,

independência e solidariedade de classe, democracia direta e apoio mútuo).¹ Barros e Pinto⁹ consideram que as iniciativas de economia solidária não seriam apenas uma maneira de proteção contra o desemprego, mas também permitiriam uma nova significação da autoimagem dos catadores, melhorando a autoestima e resgatando significados do trabalho, o que foi confirmado pelas narrativas dos catadores e catadoras deste estudo.

Apesar do conjunto de normas e Leis que têm contribuído com o reconhecimento dos(as) catadores(as), a exemplo da Lei Nacional de Saneamento (nº 11.405/2007),¹⁰ da aprovação da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) em 2010 – Lei nº 12.305¹¹ e da prestação de um serviço fundamental para a preservação do meio ambiente e da saúde pública e propulsora da cadeia produtiva da reciclagem, catadores e catadoras seguem lutando pelo reconhecimento e inclusão social. Para Miura,¹² o problema hoje não está em reconhecer legalmente o catador como um profissional, mas sim em reconhecer seu direito às condições dignas de trabalho e de vida para além da perspectiva estrita da sobrevivência. Nesta luta por reconhecimento, o pequeno grupo organizado de catadores (as) vem passo-a-passo, alguns mais a frente, outros ainda com dificuldades de compreender com clareza o processo da associação, exercitando a autonomia, o protagonismo, a constituição da identidade política por meio da gestão participativa e da construção de suas redes vivas.

Redes construídas em ato: de Maria à Associação

Para pensar sobre redes vivas, nos interessa refletir sobre as definições de rede. Castells¹³ em sua obra *Sociedade em Rede*, define rede como “um conjunto de nós interconectados”, sendo nó o ponto no qual uma curva se entrecorta. Para o sociólogo, redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Como estruturas abertas, são capazes de se expandir de forma ilimitada, integrando novos nós.¹³ Este conceito de rede discutido por Castells¹³ é baseado em fluxos e tecnologias da informação, nas meta-redes do espaço cibernético, de um mundo globalizado, que quebrou barreiras de espaço e tempo.

Mance¹⁴ traz para a dimensão social o conceito de redes, quando as descreve como uma articulação entre diversas unidades que, através de certas ligações, trocam elementos entre si, fortalecendo-se reciprocamente, e que podem se multiplicar em novas unidades, as quais, por sua vez, fortalecem todo o conjunto na medida em que são fortalecidas por ele, permitindo-lhe expandir-se em novas unidades ou manter-se em um equilíbrio sustentável. Cada nódulo da rede representa uma unidade e cada fio um canal por onde essas unidades se articulam através de diversos fluxos.

Seguindo os princípios da ideia de rede, a partir dos seus “nós” e “interconexões” partimos para o estudo e análise de outra categoria de redes. O conceito de Redes Vivas foi inspirado na ideia de Rizoma, emprestada da botânica, usada por Deleuze e Guatarri⁴ na obra *Mil Platôs I*, um modelo descritivo ou epistemológico, na qual a estrutura de algumas plantas os brotos podem ramificar-se em qualquer ponto, que tanto pode funcionar como raiz, talo ou ramo, independentemente de sua localização na figura da planta.

Falamos aqui de um movimento em fluxo horizontal e circular ao mesmo tempo, ligando o múltiplo, heterogêneo em dimensão micropolítica de construção de um mapa, que está sempre aberto, permitindo diversas entradas e ao se romper em determinado ponto, se refaz encontrando novos fluxos que permitem seu crescimento, fazendo novas conexões no processo.^{15:122}

A noção de redes vivas compreende que todos nós podemos ser elo de uma complexa rede de relações, uma rede que é viva e plural, dinâmica e viva. Desta forma, nosso marcador de sentido são os encontros construídos nas redes vivas no cotidiano do trabalho, como observa Merhy et al.,¹⁶ nas ruas, entre tantos territórios existenciais e de micropolítica, lugar onde as existências atuam e se produzem. Compreendendo que a vida produtiva se organiza por meio de relações, no emaranhado de “linhas e nós” que conformam o mapeamento da rede da associação Nova Recicla, descobrimos que o eixo principal de “territorialização” é a rede da liderança Maria. A prática cartográfica nos permitiu

observar, mapear e experimentar os efeitos dos múltiplos encontros da rede viva de Maria e da associação que produziram muitas afetações e definiu os devires desta pesquisadora.

Realizamos um mapeamento das redes que não obedeceu a um desenho linear, hierárquico, temporal e a intenção foi dar expressão visual à rede e analisar, no espaço micropolítico do trabalho dos catadores, alguns dos muitos encontros da rede da associação. Ao desenharmos a rede da associação, nos deparamos com um significativo número de conexões no mundo social e diversos agenciamentos, produções de vida, nos levando a refletir sobre a capacidade daquele pequeno grupo de abrir linhas e fluxos. Na impossibilidade de descrever ou analisar detalhadamente todos os encontros, intersecções e nós que conformam esta rede, elegemos aqueles que consideramos relevantes para discutir e pensar à luz da Saúde Coletiva.

A história da Nova Recicla corresponde à trajetória de luta de Maria e de sua família, construída por meio da multiplicidade de encontros que se dão no cotidiano de vida e trabalho. “O encontro é a base da filosofia de Spinoza para a teoria da afecção, que parte da formulação de que os corpos têm uma capacidade de se afetarem mutuamente no encontro entre si.”^{15:4} Encontro em que ambos os sujeitos são afetados no movimento do encontrar-se conectando distintos saberes e poderes, que transforma a maneira de agir no mundo. Compartilhar do cotidiano e nos

conectar nesta rede nos permitiu conhecer e analisar os encontros e afetamentos da rede de relações de Maria e do grupo de catadores (as), tecidas com as linhas de um movimento de luta e político.

Maria e sua família começaram a trabalhar na catação de papelão nos arredores de casa, há oito anos, motivados por problemas financeiros. Usavam o quintal de casa para armazenamento. A catadora se aproximou da rede da Cáritas Arquidiocesana de Manaus onde aconteceu o primeiro contato com uma apoiadora técnica, ligada à Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (ABHIPEC), responsável pelo Programa “Dê a Mão para o Futuro”, Reciclagem, Trabalho e Renda. A construção da rede de contatos e interconexões da organização desses(as) catadores(as) se inicia e se mantém em pleno movimento a partir da inserção da catadora Maria e da associação Nova Recicla na rede do MNCR. A partir da aproximação com o movimento organizado dos catadores, Maria despertou para a exploração da mão-de-obra e se apropriou dos meios legais para a inserção na cadeia produtiva da reciclagem.

Na tessitura de uma rede viva existem muitas conexões e linhas de sentido que se produzem a partir de encontros. Nesse caso, o encontro com pessoas que representam instituições que abrem brechas capazes de descortinar novas possibilidades. O encontro com a apoiadora técnica e a ABHIPEC foi o disparador para o

início do processo de transformação da realidade de trabalho de Maria e abertura de novas perspectivas por conectá-la a outros diversos pontos de rede que permitiram desde o conhecimento de novas alternativas de produção, processos formativos, acesso a projetos e editais até a ampliação da rede de apoio e solidariedade. Assim, a rede se ampliava com conexões com a Associação Nacional dos Carroceiros e Catadoras de Materiais Recicláveis (ANCAT), o Instituto Nenuca de Desenvolvimento Sustentável (INSEA), a Rede de Economistas Solidários do Amazonas (ESA), o Fórum Lixo e Cidadania e o Fórum de Economia Solidária.

Fundamental na trajetória de Maria, o encontro potente com uma gestora do Ministério Público do Trabalho (MPT) que, sensibilizada com a iniquidade, a luta da família e os fardos empilhados no quintal da casa da catadora, acionou sua rede de relações por meio da Prefeitura que viabilizou o atual galpão onde está sediada a associação. Do ponto de vista estrutural, de construção de redes, observamos que um ponto de rede de Maria - o MPT - abriu conexões com outra rede - a do executivo municipal, o que nos permite compreender a capilaridade e a potência de pensar, estabelecer e viver em rede. Falamos aqui do princípio da multiplicidade, como explica Franco,¹⁷ onde cada um pode fazer conexões em várias direções e com muitos outros sujeitos que estão também operando no interior desses fluxos, ou seja, a diversidade multiplica as possibilidades de outros fluxos-conectivos.

Ter um espaço para a sede da associação, ainda que sem garantias futuras de continuidade, foi um passo importante para a família catadora que, apoiados pelos projetos da ABHIPEC, pouco a pouco viabilizou a aquisição de equipamentos como a prensa, balança, triciclo e um caminhão que é compartilhado com outras cooperativas ligadas ao MNCR.

O mapeamento da rede da Nova Recicla nos revela as articulações com diversos órgãos e instituições públicas que participam de forma direta ou indireta dos esforços de estruturação e autossuficiência do coletivo de catadores(as). Na rede institucional, parceiros importantes como a Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (CAAMA) da Assembleia Legislativa do Amazonas (ALEAM), que tem apoiado o movimento dos catadores buscando apoio da Prefeitura e Estado para que a Política Nacional de Resíduos Sólidos seja efetivada e que a coleta seletiva nos órgãos públicos aconteça com benefícios diretos aos catadores e ao meio ambiente. Esta parceria entre a associação e o órgão legislativo estadual, traduzida pelas relações entre a liderança da associação, Maria, e o Deputado responsável pela Comissão, nos remete aos diálogos com os estudos de Emerson Mehry¹⁸ quando o autor afirma que as relações se dão nos espaços micropolíticos, em ato e nas circunstâncias específicas de cada encontro sem, em princípio, uma hierarquia na capacidade de estabelecer um contato potente. O que é possível que aconteça quando os encontros

acontecem em uma construção interessada, implicada e, porque não dizer, afetiva.

Neste campo de análise, considerando que os espaços micropolíticos são atravessados por linhas, fluxos, subjetividades e, também por disputa de poder, observamos tensões na rede de encontros institucional. O exercício cartográfico nos permite identificar nas relações o contraditório e o estranhamento nos meandros que atravessam os espaços de alguns encontros. Desta forma, o mesmo órgão público que apoia a associação, também tensiona as relações, imprimindo morosidade ou entraves técnicos no desembaraço de documentações e deliberações do empreendimento solidário. No cabo de força entre o poder instituído e a representação feminina dos catadores(as), o coletivo da associação representa o lado mais frágil desta relação.

Nestes encontros com a divergência, jogo de interesses e relações de poder no processo de luta política, evidencia-se o “saber militante” de Maria, que não nasceu nos bancos acadêmicos, mas da experimentação dos processos de sobrevivência e dos incômodos que a situação de exclusão social produz. Como afirma Feuerwerker,¹⁹ a mobilização para conhecer vem de certos incômodos que a ação como protagonista pode gerar como acontecimento, mobilizando as várias dimensões do sujeito de modo que interajam para conduzir a um saber militante que lhe permite compreender “mais” sobre a situação e a ação, para continuar agindo.

A própria rede do movimento organizado também enfrenta os desafios na estruturação e organização do processo de trabalho. Os catadores trabalham territorializados, com forte vinculação ao lugar pela proximidade de suas moradias e por relações que são construídas no mesmo. As muitas narrativas de conflitos em relação às invasões aos espaços de trabalho de catação previamente pactuados revelam a importância da delimitação do território geográfico, pois há um sentimento de pertencimento do catador àquele lugar de trabalho e sobrevivência. A liderança da Associação considera que os conflitos acontecem quando os(as) catadores(as) não tem conhecimento dos acordos e limites pactuados entre o coletivo de cooperativas/associações e os órgãos que regulam a atividade na Prefeitura.

Ao nos depararmos com os relatos de conflitos, tomamos de empréstimo as reflexões de Bauman²⁰ quando questiona como viver juntos com um mínimo de rivalidade e conflito, enquanto mantém inabalada a liberdade de escolha e autoafirmação? Como alcançar a unidade na (apesar da?) diferença e como preservar a diferença na (apesar da?) unidade.¹⁹ Desafiador o fortalecimento do sentido de unidade entre as organizações políticas ligadas ao mesmo Movimento quando os sujeitos que as compõe no cotidiano dos processos de trabalho desconhecem ou não reconhecem os limites estabelecidos pelos acordos e mapeamento das áreas. Talvez a questão posta extrapole o desconhecimento ou não reconhecimento de

limites e acordos no território geográfico. Os processos de trabalho dos catadores, imersos em uma realidade tão adversa, de luta pela sobrevivência, trazem embutidos em si, dimensões subjetivas, capazes de tensionar suas redes vivas - sociais, econômicas e políticas. Não é harmônica e nem linear a tessitura da rede que envolve sua vida, seu trabalho e suas conexões com as políticas e instituições.

Nesta realidade, onde o tempo de parar compromete a produção e o movimento nômade destes sujeitos, torna-se um desafio para a criação de vínculos, também observamos as fragilidades nas conexões e agenciamentos dos catadores e catadoras com a rede formal de saúde. As narrativas dos catadores(as) questionaram a dificuldade de atendimento, de acesso, de acolhimento e os processos de trabalho das equipes da Atenção Básica. Diante das dificuldades relatadas para acessar esses serviços, o itinerário que constroem para a produção de cuidado inclui frequentemente o hospital quando os primeiros recursos utilizados aos sinais de adoecimento (os chás, xaropes e remédios caseiros utilizados nas tradições familiares, no interior do Amazonas) não conseguem dar conta dos processos de adoecimento. A dinâmica de trabalho e de vida dos(as) catadores(as) parece não caber nos fluxos da atenção básica que, paradoxalmente, tem o território como adscrição para o seu fazer. Há déficit na conexão com o cuidado à saúde nos serviços formais, a força rizomática que os mobiliza não consegue penetrar nas paredes do

serviço de atenção básica, nem mesmo à equipe de saúde da família que atua nele.

Na dinâmica da rede em movimento, outros atores conectam-se ao processo de trabalho e existência da associação. Atores de diferentes faixas etárias, pertencentes ao território geográfico da associação, com dificuldades de inserção social e econômica, excluídos do mercado de trabalho formal. Inicialmente, ligados à vizinhança e amigos de Maria, alguns catadores(as) permitiram que pudéssemos partilhar de seus territórios existenciais que surgiram carregados por subjetividades, histórias e trajetórias de vida. Utilizamos a referência de subjetivação de Guatarri²¹ quando explica que se trata do conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial autorreferencial e em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetivadora.

Na atividade de grupo, demos voz a todos os(as) catadores(as) que contribuíram com narrativas sobre suas histórias, processos de vida e trabalho. Dentre algumas narrativas destacamos a artesã e catadora Regina, que se conectou a rede da associação através do trabalho com o artesanato a partir do reaproveitamento de materiais para reciclagem. Na associação, também ocupa o cargo de secretária executiva e está ligada à rede de economia solidária, representando a Nova Recicla em eventos e mostras.

Neste processo de trabalho são confeccionados produtos simples como bonés feitos com caixas de leite, portas-moedas com caixinhas de achocolatado e outros objetos como garrafas pet trazem embutidos em si outras significações que vão além da mais valia do próprio produto, a qualidade, estética, acabamento ou utilidade. Nos produtos das artesãs da Nova Recicla estão embutidos valores sociais como a solidariedade e a preservação do meio ambiente, portanto, carregam um valor agregado que é sociopolítico. A participação nas mostras e eventos reforça a importância social e econômica da atividade dos(as) catadores(as) e constrói outras imagens ao trabalho cotidiano que realizam e aos agentes desse trabalho.

Como explica Bertussi et al.,²² investigar o cotidiano é colocar em análise uma realidade em construção, móvel, sem começo, meio e fim, com várias entradas, tratá-lo como um campo de problematização, proporcionando novas possibilidades de apreensão e de produção do real. Foi neste sentido, buscando partilhar da realidade de “Seu João”, catador associado, 66 anos, nascido no interior do Estado do Amazonas, no município de Maués, que o acompanhamos pelas ruas da Feira do Fuxico, na cidade de Manaus, local de intenso movimento comercial para observar o processo de trabalho, sua dinâmica e intensidades.

Como parte do agir cartográfico, nos colocamos junto de Seu João na estreita calçada que divide as duas pistas, de ida e de volta dos carros, onde

constituiu sua base de observação, caminhamos pelas ruas, conhecemos o local em que guarda a sua “produção”, em uma calçada ao lado de um poluído igarapé. Seu João nos apresentou o seu carrinho que ele mesmo mandou fazer, explicou o funcionamento do seu processo de trabalho, os encontros que se dão na sua rede de relações, as motivações, o valor da “palavra de um homem” e as estratégias de sobrevivência, ancoradas principalmente na honestidade, força de trabalho e “nas piadas e brincadeiras” que utiliza para a construção de suas relações. A liberdade de fazer seu horário, de não ter patrão e a possibilidade do ganho imediato, são as motivações que ativam o desejo do catador. Desejo aqui entendido como explica Franco,¹⁷ como energia originária do inconsciente com alta potência produtiva, que coloca os sujeitos aptos para a construção do novo. Não só Seu João, mas outros catadores evidenciaram a importância da liberdade na atividade da catação o que nos leva a pensar na normatização do mundo do trabalho e o quanto a adaptação a regras ou normas exigidas pelo mercado formal podem impactar no desejo de agir de alguns sujeitos.

Seu João, de maneira colaborativa, em meio ao barulho, frenesi e atento às movimentações dos comerciantes e caminhões em processo de carga e descarga, compartilhou um pouco de sua história de vida e nos permitiu compreender as motivações, os sentidos, processos de trabalho e de vida segundo sua própria lógica de “ser” e “estar” no mundo.

Suas falas nos remetem mais uma vez as ideias de Franco,¹⁷ quando explica que o sujeito acessa diferentes campos semióticos para organizar sua ação no mundo e, dependendo das representações simbólicas acessadas por ele, assume diferentes atitudes. É como se essas representações organizassem no sujeito trabalhador um modo específico de ver o mundo e nele atuar. Aqui cabe pensar sobre singularidade. Somos sujeitos singulares, com olhares e campos simbólicos e representações diferentes na medida em que esses processos nos atravessam de formas singulares.

Acompanhar o trajeto de Seu João, nos permitiu acessar e descortinar uma nova realidade, a partir de suas próprias formas de representar o mundo. Na realidade que se descortinava, debaixo do forte sol, na desordem daquelas ruas em movimento, no encontro com o catador João, a pesquisadora também se desterritorializava e novos sentidos iam sendo construídos no acompanhamento da trajetória de Maria, Seu João e do grupo organizado.

O exercício cartográfico nos levou à oportunidade de acompanhar múltiplos encontros diante da capilaridade e complexidade da construção da rede da associação de catadores(as) a partir da trajetória de Maria e de outros atores que tem seus processos de vida conectados à catação de resíduos. Como afirma Mehry,²³ os modos como os sujeitos se encontram e se validam são muitos, as implicações em ato, consigo e com outros, também. Uma miríade de outros

encontros por certo compõe suas vidas e não se tornaram visíveis, mas esses vistos são significativos por si sós.

As tessituras do mundo social: os aprendizados para o fazer saúde

Desenhar e analisar as redes dos catadores e catadoras da Associação Nova Recicla nos permitiu reflexões a partir do lugar que ocupamos, o da Saúde Coletiva. A pergunta que dispara a conclusão do artigo é simples e direta: que aprendizados esse grupo social nos deixou? O que teriam a nos ensinar? Como esses aprendizados ampliam nossas formas de compreender o mundo do trabalho e da saúde? Partimos do entendimento de que o compartilhar das existências e dos modos de viver dos(as) catadores(as) foi fonte rica de aprendizados e reflexões-críticas sobre os processos de organização social, da dinâmica das relações e do processo de construção da autonomia.

Seguramente, o primeiro aprendizado é a certeza de que a vida acontece em rede, como nos ensina Fritjof Capra:²⁴ “Sempre que olhamos para a vida, olhamos para redes.”^{24:77} As redes produzem vida, redes que atuam, inclusive, “por fora” dos imaginários e das normas sociais vigentes. Nessa compreensão, pensamos em como a política de saúde pode olhar para esse grupo social e outros grupos, na produção de vida destes sujeitos, potencializando estas redes? Essa questão nos mobilizou fortemente durante a pesquisa, na medida em que ficava

evidente que parte da vida que acontece “na rua”, no território de referência de uma unidade básica de saúde, não mobiliza os trabalhadores, nem mesmo diante de situações de vulnerabilidade evidente, como manipulação de resíduos de serviços de saúde, acidentes de trabalho e adoecimentos frequentes em quem está exposto às condições ambientais em tempo estendido.

O exercício metodológico de não somente olhar para a realidade dos catadores e catadoras como um lugar da doença e da falta, mas nos implicar no acompanhamento dos processos de trabalho, vida e formas de existência, “em ato”, nos desterritorializou e re-territorializou. Também nos mobilizou a pensar na perspectiva da saúde para além dos serviços de saúde, nas normas e protocolos que aprisionam o trabalho em saúde, na potência da construção de redes como espaços de relações e cooperação. Os trabalhadores da Nova Recicla fazem uso de práticas tradicionais para o cuidado em saúde, absorvidos de saberes ancestrais, de forma mais frequente do que a população urbana e, até mesmo, dos que os serviços de saúde têm incorporados, no modo de Práticas Integrativas e Complementares. Podemos afirmar que vivenciamos uma aprendizagem como exercício da alteridade.

Se a pesquisadora se desterritorializa nas intensidades do agir cartográfico, como os serviços de saúde, os profissionais, trabalhadores, gestores, também podem se desterritorializar compreendendo que essas

redes também são formas de se organizar e produzir saúde? Surpreende analisar o mapa cartográfico do pequeno grupo de catadores e ver tanta potência de vida no emaranhado daquela rede tecida com muita luta, já que desses encontros dependem a autossustentação da associação e a sobrevivência daquelas famílias. Um grupo tão pequeno que produz tantas redes... e nós, atores da saúde, com tantas dificuldades de produzir redes, nos restringindo ao nosso lugar, perpetuando a lógica fragmentada do fazer saúde.

Os serviços de saúde têm dificuldades para se deixar afetar pelos modos de vida que não são os vigentes, pela incapacidade de acolher e compreender esse trabalho, as redes e a produção de vida nestas redes. Exercitar o olhar cartográfico nos serviços, nas ações das equipes de saúde, perceber a potencialidade que a equipe tem de produzir redes pode ser um caminho. Algumas equipes até já o fazem, porém, as redes não estão visibilizadas e, por isso, não são percebidas e fortalecidas. Importante mirar para a dinâmica das relações que conformam estas redes com mais atenção.

Trouxemos a visibilidade da rede desse grupo de catadores, ausentes das políticas, fora da “cobertura”, do “acesso” e do cuidado em saúde, como parte da função social da pesquisa, como ação política. Pensemos então como podemos produzir visibilidade para outros grupos que também estão invisíveis? O olhar cuidadoso para o grupo social dos

catadores e catadoras, a aproximação que fizemos no exercício cartográfico se apresentam como estratégia potente para que possamos pensar na vida dessas pessoas que é tomada pelo tempo de produção, por um trabalho que ocupa a vida. O movimento nômade destes sujeitos no território vivo exige que a gestão do cuidado trace estratégias que dialoguem com as redes vivas que produzem e aprenda com elas. E assim, na compreensão do modo como vivem e se movimentam, pensar as políticas públicas, a Atenção Básica, as ações de Educação em Saúde a partir das necessidades de cuidado e modos de viver destes sujeitos.

As políticas de saúde têm como uma de suas pautas a discussão da intersetorialidade, porém, na prática, tem enormes dificuldades de estabelecer redes e articulações com as instituições, com a sociedade civil, com a população.^{7,16} A fragmentação tem sido a marca das políticas públicas brasileiras que não transversalizam suas ações, deixando de fora de sua atuação alguns grupos sociais.^{18,19} Compreendemos a relevância de olhar para estes grupos na perspectiva de suas redes vivas, no sentido da integralidade de programas e ações que garantam, de fato, o direito à cidadania. O desafio das políticas de saúde é olhar para seus territórios, cartografá-los e, a partir deste mapeamento, encontrar potência nos grupos e atores destas redes, conectando-se aos fluxos destas redes.

Neste percurso de aprendizados com os catadores e catadoras e no exercício da

cartografia, entendemos que o mapa será sempre inacabado e aberto. Participamos desta rede e deixamos fios soltos com potência para futuras interferências e conexões. O estudo rizomático que aqui produzimos deixa aberta a possibilidade de outros mapeamentos e trajetos nas múltiplas redes que se desdobram em um campo profícuo para novas investigações, implicações e afetamentos.

Por fim, sobre o compromisso ético da pesquisa com grupos sociais distantes do universo acadêmico. A afetação produzida nos primeiros contatos, quando foi pronunciada a constatação de que a aproximação prévia de pesquisadores,

infrequente, tinha um fluxo de mão única, para acumular registros do cotidiano para suas produções, mobilizou fortemente o fazer da pesquisa. O grupo de trabalhadores e trabalhadoras fez-se tão presente na produção, que a pesquisadora e o orientador mobilizaram as possibilidades institucionais e a defesa pública da dissertação de mestrado ocorreu no galpão de reciclagem, com o coletivo vivo presente, com olhar atento e com questionamentos sobre o conteúdo e sobre o ritual. O rizoma seguiu sendo produzido e, por certo, já está em outros lugares em relação àquele que marca esta produção. As redes vivas, como a vida, seguem em produção ...

Referências

- ¹Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. [acesso 2017 Ago 20] Disponível em: <http://www.mncr.org.br>.
- ²Kastrup V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: Passos E, Kastrup V, Escóssia L da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa - intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina; 2015.
- ³Passos E, Barros R. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: Passos E, Kastrup V, Escóssia L da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa - intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina; 2015.
- ⁴Deleuze G, Guattari F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. 34.ed. Rio de Janeiro; 1995.
- ⁵Alvarez J, Passos E. Cartografar é habitar um território existencial. In: Passos E, Kastrup V, Escóssia L. da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa - intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina; 2015. p. 131-149.
- ⁶Haesbaert R. Território, cultura e des-territorialização. In: Rosendahl Z, Corrêa RL (Orgs.). *Religião, Identidade e Território*. Rio de Janeiro: Editora UERJ; 2001. p. 119-120.
- ⁷Sckweickardt JC et al. Território na Atenção Básica: abordagem da Amazônia equidistante. In: Ceccim RB... [et al.] org. *Informes da Atenção Básica: aprendizados de intensidade por círculos em rede*. Porto Alegre: Rede Unida; 2016.
- ⁸Rolnik S. *Cartografia sentimental*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; 2006.
- ⁹Barros VA, Pinto JBM. Reciclagem, trabalho e cidadania. In: Kemp VH, Crivellari HMT, orgs. *Catadores da Cena Urbana, construção de políticas socioambientais*. Belo Horizonte: Autêntica; 2008. p. 65-82.
- ¹⁰Lei Federal nº 11.405, de 5 de janeiro de 2007. Estabelece diretrizes nacionais para o saneamento básico, altera as Leis nº 6.766, de 19 de dezembro de 1979, 8.036, de 11 de maio de 1990, 8.666, de 21 de junho de 1993, 8.987, de 13 de fevereiro de 1995; revoga a Lei nº 6.528, de 11 de maio de 1978; e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. 5 jan 2007.
- ¹¹Lei Federal nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. 3 ago 2010.
- ¹²Miura PCO. *Tornar-se catador: uma análise psicossocial*. [dissertação de mestrado] São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2004. Mestrado em Psicologia Social, orientadora Dra. Bader Sawaia,

- ¹³Castells M. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra; 2005.
- ¹⁴Mance, Euclides. A revolução das redes. A colaboração solidária como alternativa pós-capitalista à globalização atual. Petrópolis: Vozes; 2000.
- ¹⁵Franco TB, Merhy E. Trabalho, produção do cuidado e subjetividade em saúde. São Paulo: Hucitec; 2013.
- ¹⁶Mehry E et al. Redes Vivas: multiplicidades girando as existências, sinais da rua. Implicações para a produção do cuidado e a produção do conhecimento em saúde. *Divulg saúde debate*. 2014; 52: 153-164.
- ¹⁷Franco TB, in Pinheiro R, & Matos RA. "Gestão Em Redes", LAPPIS-IMS/UERJ-ABRASCO, Rio de Janeiro; 2006.
- ¹⁸Mehry et al. Da repetição a diferença: construindo sentidos com o outro no mundo do cuidado In: Feuerwerker LCM, Bertussi DC, Mehry EE, orgs. Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes. 1. ed. Rio de Janeiro: Hexis; 2016.
- ¹⁹Feuerwerker LCM. Micropolítica e saúde: produção do cuidado, gestão e formação. Porto Alegre: Rede Unida; 2014.
- ²⁰Bauman Z. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt; tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2005.
- ²¹Guattari F. *Caosmose*. São Paulo: Editora 34; 1992.
- ²²Bertussi et al. Viagem cartográfica: pelos trilhos e desvios. In: Feuerwerker LCM, Bertussi DC, Mehry EE, orgs. Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes. 1.ed. Rio de Janeiro: Hexis; 2016.
- ²³Mehry EE. O conhecer militante do sujeito implicado: o desafio em reconhecê-lo como saber válido. In: Franco TB et al. *Acolher Chapecó*. São Paulo: Hucitec; 2004.
- ²⁴Capra F. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix; 1996.

Submissão: 04/11/2018
Aceite: 08/01/2019